

Ex.mo Sr.

Delegado da Direcção-Geral dos
Espetáculos e do Direito de Autor
PORTO

RECIBO DE PAGAMENTO DE TAXA POR TERMOS
DO ART.º 12.º DO DECRETO N.º 42 880

1/ Referência

2/ Comissão

3/ Referência

PORTO (Portugal)

ASSUNTO: PEDIDO DE LICENÇA

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 6 ANOS

JOSE MANUEL CHERREIRA AFOSSO DOS SANTOS, artista de variedades e compositor, com a colaboração da revista de musica **MC/MUNDO DA CANÇÃO** edita na "rua Formosa, 49-3.ª sala 6" nesta cidade, representada para o efeito pelo Sr. Avelino Tavares de Oliveira, pretende realizar no COLISEU DO PORTO no próximo dia 25 de Maio de 1983, pelas 21.30 horas, um concerto de música portuguesa pelo que solicita a V.Ex.a a passagem do respectivo visto.

ARTISTAS:

JOSE AFOSSO (voz)
SERGIO MESTRE (Flauta)
RUI PATO (viola)
JULIO PEREIRA (Viola)
JANITA SALOMM (Percussão)
GUILHERME DUES (Teclas)
FRANCISCO FARRAIS (Viola)
RUI CASTRO (Baixo eléctrico)

PREÇOS DAS ENTRADAS: Preço único de Esc. 500\$00.

Porto, 24 de Maio de 1983.

Avelino Tavares de Oliveira

24 MAI 1983

[Handwritten signature]

José Augusto

Porto, 6 de Maio de 1983

Ao
MUNDO DA CANÇÃO
Rua Formosa, 49-3º, sala 6
4000 PORTO

ASSUNTO: CEDÊNCIA COLISEU
REFª. V/CARTA DE 9 DE FEVEREIRO,
3 E 5 DE MAIO

Exm^{as}. Senhores,

Com os n/melhores cumprimentos, temos o grato prazer de informar que o Coliseu do Porto se encontra à V/disposição no período entre as 18 e as 2^h horas do dia 25 de Maio p.f.

O custo da cedência será de Esc. 300.000\$00 (TREZENTOS MIL ESCUDOS), sendo as condições as referidas na n/carta de 17 de Fevereiro último.

Cumpre-nos informar que na lotação do Coliseu deverão ser deduzidos os lugares cativos da Administração (2 camarotes e 6 cadeiras ou tribunas à n/escolha), bem como, o camarote das autoridades, num total de 24 lugares.

Sem mais, de momento, subscrevemo-nos,

De V.Ex^{as}
Atenciosamente
Empresa Artística, Lda S.L.

L. Almeida

UM NOVO CANTAR DE AMIGO

JOSE Manuel Cerqueira AFONSO dos Santos, para todos nós o ZECA AFONSO dos cantos do nosso (des)contentamento, nasceu em 2 de Agosto de 1929, em Aveiro.

A sua infância começou por repartir-se entre Aveiro, Angola e Moçambique, tendo em 1938 ido residir para Belmonte em 1938. Entre 1940 e 1953 a sua vida decorre essencialmente em Coimbra, com a frequência do Liceu Normal D. João III e da Faculdades de Letras de Coimbra (Ciências Histórico-Filosóficas).

Integrando-se no Orfeão Académico de Coimbra e na Tuna Académica da Universidade de Coimbra, José Afonso começa a destacar-se no campo do chamado Fado de Coimbra como um intérprete de invulgares qualidades e com preocupações novas, reflectindo o ambiente de mudança que se começava a respirar por Coimbra.

Depois de um casamento com dois filhos e um divórcio, José Afonso cumpre serviço militar entre 1953 e 1955, findo o qual a sua precária situação económica o obriga a ir dar aulas, sucessivamente em Mangualde, Alcobaca, Aljustrel, Lagos e Faro. Não perde todavia a sua ligação com Coimbra, onde grava, em 1958, o seu primeiro disco. Começa então a falar-se numa forma evolutiva do Fado de Coimbra: a "Balada" ou "Trova", movimento que conhece um impulso decisivo com a eleição, em 1960, de um lista representativa da "esquerda académica", encabeçada por Carlos Candal, para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. O convívio com homens como António Portugal, Flávio Rodrigues, Manuel Alegre e Adriano Correia de Oliveira, entre muitos outros, confere à obra "Coimbrã" de Zeca Afonso as preocupações básicas que originaram a "crise de 1962".

Entre 1964 e 1967, José Afonso permanece em Moçambique, leccionando em Lourenço Marques e na Beira e acompanhado pelos filhos e por Zélia, a sua companheira até nos nossos dias. Depois de ter levado algumas "cartuchadas da polícia" em Coimbra desenvolve em Moçambique intensa actividade de natureza política, em pleno contacto com as sementes das ideias independentistas, atitude que começa a fazer incidir sobre elel, de forma mais acentuada, a "atenção" dos algezes do regime fascista-colonial.

Em 1967 regressou a Portugal, fixando-se em Setúbal onde, após um período de doença, é informado da sua expulsão do ensino, o que o força a viver de explicações. Dedicar-se ao canto, apoiar numerosas colectividades e associações populares e desenvolver intensa actividade política na área da LUAR. Um pouco por todo o lado, Zeca Afonso é uma voz que ajuda a animar a oposição crescente ao regime ditatorial. Regime que virá a cair ao som de arranque de uma cantiga sua, Grândola, Vila Morena".

Escrever a biografia (im)possível de Zeca Afonso é quase escrever a história deste país a partir dos anos 60, tal a intensidade das experiências vividas por ele no seio do colectivo cuja voz era resistência, grito de revolta, lírio de esperança.

Após o 25 de Abril de 1974, José Afonso assume a liberdade de uma forma plena, inebriante e intensamente fraterna. Realiza milhares de sessões, apoia as mais diversas lutas, entrega-se por completo à suprema tarefa de concretização de uma "utopia" que ainda hoje acredita como possível.

Um dia, estamos certos, teremos de reconstituir, passo por passo, a sua biografia de cidadão do colectivo, através da qual nos escreveremos a nós próprios, parte absolutamente integrante da sua vida e da sua obra, das suas aspirações e anseios, das suas frustrações e esperanças. Por agora, o reencontro sempre renovado com José Afonso assume-se, de forma decisiva, na audição da sua

DISCOGRAFIA BÁSICA

- 1958 - Baladas de Coimbra (Rapsódia EPF-5082)
- 1960 - Balada de Outono (Rapsódia EPF 5085)

- 1960 - Dr. José Afonso em Baladas de Coimbra (Rapsódia EPF 5218)
 - Trovas Antigas (Ofir AM 4017)
 - Canção Longa (Ofir AMS 301)
- 1964 - Cero dos Caídos (Valentim de Carvalho SE-006-40327 EMI)
 - Coimbra (Alvorada MED 60280)
- 1967 - Baladas e Canções (Ofir AMS 301)
- 1968 - Cantares do Andarilho (Orfeu STAT 002)
- 1969 - Lenina dos Olhos Tristes (Orfeu AFEP 6387)
 - Contos Velhos Rumos Novos (Orfeu STAT 004)
- 1970 - Traz Outro Amigo Também (Orfeu STAT 005)
- 1971 - Antigas do Maio (Orfeu STAT 009)
- 1972 - Eu vou ser como a toupeira (Orfeu STAT 012)
- 1973 - Venham mais cinco (Orfeu STAT 017)
- 1975 - Coro dos Tribunais (Orfeu STAT 054)
- 1976 - Com as minhas tamanquinhas (Orfeu STAT 036)
- 1978 - Enquanto há força (Orfeu STAT 054)
- 1979 # Pura, Pura (Orfeu STAT 095)
- 1982 - Fados de Coimbra (Orfeu STAT 6011)
- 1983 - Ao vivo no Coliseu (Sasseti -Diap 16050/1)
- 1983 - Como se fora seu filho (Sasseti)

OUTROS

Poder Popular/Foi na cidade do Sado (s-Luar)
 Coimbra-José Afonso/Luis Góis (Alvorada LP-S-04-17)
 Coimbra Serenade (Rapsódia LDF 006)
 Baladas e Fados de Coimbra (Edisco EML 18020)
 José Afonso/Carlos Paredes/Luiz Goes (Columbia llc-074-40279)

Contribuintes importantes para a compreensão da sua obra, os livros publicados constituem a extensão da nossa audição, fixando dados, testemunhando funções de um canto que saiu sempre para as ruas, para os campos e fábricas, para as gargantas em Abril renascidas:

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- 1967 - Cantares de José Afonso (Nova Realidade)
- 1968 - Cantar de ovo (Nova Realidade)
- 1972 - José Afonso (Livraria Paisagem)
- 1980 - Zeca Afonso, Quadras Poulares (Ulmeiro)
 - Eh! Zeca Afonso (Lieder und Texte aus Portugal)
- 1983 - José Afonso (Eranova)
 - José Afonso, Textos e Canções (Assirio & Alvin)

UM NOVO CANTAR DE AMIGO, SEMPRE

Recordar hoje Zeca Afonso é, sobretudo, viajar no mar imenso da nossa melhor memória, sem ter precisado de ler as crónicas dos concertos por ele realizados no Théâtre de la Ville, em Paris, em 1961, que parecem ter marcado a "reabilitação" do cantar.

Desde o fado de Coimbra à balada, passando pela chamada nova música portuguesa e pela mais intensamente vivida fase do canto de intervenção, de Zeca Afonso retemos esse percurso ímpar na construção da música popular portuguesa, pleno de entrega e voluntarismo, óbrio de fraternidade e de futuro.

Cessem, pois, as palavras. O canto chegou. Ouçamo-lo de novo, sempre. Ou não será essa a grande homenagem que lhe podemos prestar, ouvindo-o, finalmente, como deve ser ouvido? Com a inefável certeza de um noucantar de amigo, sempre!

JOSÉ AFONSO FINALMENTE....

Finalmente: José Afonso no Porto, dia 25 de Maio, no Coliseu. Numa organização Eranova/MC-Mundo da Canção, o reencontro com um sempre novo cantar de amigo, através do qual a fraternidade alicerça a crença num futuro de liberdade. José Afonso trás consigo a voz de todos nós e como arado sulcando pelos campos do nosso (des)contentamento, lança na terra dos nossos desejos as sementes de uma liberdade inadiável que teimam (alguns) evitar que germine.

Ouvir José Afonso significa entrar no longo e difícil percurso da música popular portuguesa (sempre) em construção e concluir que vale a pena lutar e morrer pelas ideias: renascer a cada canção, fechar as mãos e soltar o pensamento é o mínimo que podemos fazer por aquele cujo legado nos pertence porque saiu de nós.

Sentimos José Afonso desta maneira e sabemos que é um sentir colectivo. Se não como entender o facto de o Coliseu estar esgotado com dois meses de antecedência?

No dia 25 de Maio, no Coliseu do Porto. Finalmente, José Afonso: um novo cantar de amigo, sempre!